

## UMA POIÉTICA DA SOMBRA

*Ab! como é tudo sombra, dor, segredo!  
De longe aspectos de alma que nos falam:  
De perto, brutas formas de penedo.*

Canto Heróico

No meu tempo de iniciação era muito celebrada uma famosa frase de Goethe: “faz da tua dor um poema”. Como todos recebemos em abundância o nosso lote de dores, reais ou imaginárias, essa frase prometia de graça, a cada um de nós, um destino à Goethe.

Não sei se no tempo de Pascoaes a injunção goethiana já era uma carta de prego para as mais sublimes aventuras poéticas. No seu caso seria sempre pleonástica ou tão óbvia que era como se o fosse. A Dor, com letra maiúscula, tornara-se, com Baudelaire, a musa da poesia ocidental. O seu reino durará, entre nós, pelo menos até José Régio (“A minha Dor vesti-a de brocado...”), uma Dor que o grande admirador de Pascoaes, numa versão erótica menos etérea que a do poeta de *Marânus*, ouvia cantar de sereia. Mas nenhuma Dor nos foi musa, inspiração e gozo tão intensa e absolutamente, como a cantada e exaltada por Teixeira de Pascoaes. Quando precisou melhor o gênero de sedução que exerceu sobre a sua alma, o seu espírito e a sua inteligência baptizou-a de *Saudade*, Dor transfigurada e redimida da Vida como Dor.

O sentimento doloroso da existência não tinha que ser descoberto numa cultura como a nossa que tem no Eclesiastes e nas imprecações de Job as suas tábuas da lei. Da lei antiga, entenda-se, oferecida talvez como irônica tábua de salvação aos que por sua culpa tinham perdido o paraíso. A culpa, ao menos na visão cristã, havia sido redimida, mas a memória do sofrimento ficara no fundo do vaso sagrado. Na terra

abençoada em que Pascoaes nasceu, na terra mais funda da língua que a diz e nos diz, a Vida, mesmo a redimida vida cristã, não transfigurara o destino comum em pura terra de paz e harmonia. Era, adoçadamente embora, um “vale de lágrimas” que só a esperança de uma “outra margem”, como se diz no Evangelho, tornava suportável.

Que aconteceria quando esta crença numa outra vida imune à Dor e às suas metamorfoses monótonas e infinitamente renováveis, se convertesse na pior das dores, na dor inconsolável da Desilusão e do Desencanto? O vale de lágrimas que através do seu choro consolava, converter-se-ia num deserto. O deserto, a essência da vida humana como Modernidade, não chora. Não há lágrimas na terra calcinada, devastada em que, quase simultaneamente, Pessoa e Elliot, instalaram as suas tendas. Ou apenas lágrimas frias. É esta “West Land” o nome próprio da Modernidade, aquela vida universalmente desvinculada da sua matriz divina, gozando-se a si mesmo como estéril, que Pascoaes, nascido já em pleno deserto atravessará miraculosamente incólume. O Nada será impotente contra a sua paixão e vocação redentora de toda a sombra do mal sobre a vida incarnada pela Saudade. Nesse sentido ficou às portas da Modernidade, guardando-se para um futuro em que o Nada mesmo perderá o seu negro esplendor.

Entre nós, sem aviso, mas também sem pânico, este irresistível fascínio do Nada, esta espécie de doença da vida sem que nada nos doa particularmente, encontrou em Antero o seu João Baptista e o seu Messias, se assim se pode dizer:

Só males são reais, só dor existe;  
Prazeres só os gera a fantasia;  
Em nada, um imaginar, o bem consiste;  
Anda o mal em cada hora, instante e dia.

Embora, como Oliveira Martins o disse de uma vez por todas, Antero “sentisse” o que pensava e “pensava” o que sentia, esta sua versão de vida como fonte de dores e males é, poeticamente, mais *pensada* que sentida. Ou melhor, a sua vivência é apreendida na sua universalidade abstracta. Todos os seus sonetos são uma íntima disputa, a meias entre o assentimento à potência do mal que o desespera e uma espécie de oração oculta para que a Verdade (Deus?) afaste dele o cálice doloroso que a vida lhe oferece ou ele a si mesmo se oferece. O cálice em que Pascoaes bebeu foi o mesmo de Antero – e ninguém mais extasiada e fulgurantemente o bebeu – mas a sua Dor não era,

como a de Antero, de certo modo, uma *ideia* de Dor, daquela Dor que não era outra coisa que o sentimento do homem ocidental de se ter perdido de Deus ou o ter morto. Realmente *morto*, retirado da aventura humana, a da História, da Sociedade, do Desejo e dos Valores que, juntos, desenhavam à sua volta uma coroa de esperança.

Como se o sol se tivesse retirado do horizonte e uma noite mais enigmática e obscura que a noite anterior tivesse reduzido a existência inteira e pura sombra, a sombra do Deus morto. Noite palpável, sensível, não inteligível ou mesmo alegórica. Desta sombra será Pascoaes não apenas o poeta, no sentido clássico, mas o *vidente*, o íntimo dessa sombra em que a realidade inteira misteriosamente se convertera pela ausência de um sol mais real que o de Platão. Por ser real, por ser mesmo a única realidade na ordem do “sensível”, o sol de Platão não é o da Verdade, mas apenas o que supremamente a ofusca. Se os prisioneiros da caverna pudessem voltar a cabeça para esse sol que nas suas costas ilumina as figuras que se recortam na parede em frente, não contemplariam a Verdade, seriam ofuscados por ela. A bem dizer, cegariam. Mas só essa torsão impossível ou imaginária lhe permitira considerar as *sombras* como as sombras que são, substância da aparência, se assim se pode dizer. Por sua vez é essa percepção das sombras que permite que nós imaginemos tocar a *realidade* e por imaginá-la a tocamos. A visão de Pascoaes é uma poética das sombras porque, paradoxalmente, elas se lhe revelam como *reais*. O seu “não-ser”, para falar como Antero, não é um *nada ontológico*, uma denegação de sentido e luz inteligível, mas puro rasto de luz perdido e promessa de luz restaurada.

Etéreas são as suas criaturas, não por simbolicamente se diluírem como fantasmas num “além-mundo”, à Maeterlink, ou verem também como as do mesmo Maeterlink (e depois as de Pessoa, seu discípulo) criaturas tombadas ou saídas de um céu ou de um caos divino em busca de um porto inexistente. Contrariamente ao que tantas vezes se lhe censurou ou estranhou – estranha coisa censurar um poeta - as suas criaturas, recortadas de luar, não vivem de pura nostalgia, flor mortal e de morte, mas são todas, quase material e carnalmente, aspiradas pelo Futuro:

*O Futuro é a amora do Passado*

escreveu ele numa daquelas intuições sublimes onde a mais clássica mitologia temporal se inverte revelando a sua mais funda verdade. A sua visão do mundo não vive da complacência pela *sombra* como figura da inexistência sensível, mas literalmente, de uma substância de *luz ausente* que ela manifesta para que a fraqueza ingénita do nosso olhar possa imaginar o que não é imaginável. No coração do tempo, que não tem outra dimensão que a do nosso coração, o que jaz é a sua infância morta, não apenas metáfora poética de uma vivência inocente perdida, mas *a morte* como infância imortal, essência de toas as infâncias, tão comovidamente evocada num dos seus poemas:

Vi um dia, e hei-de ver eternamente,  
Já sepultado em flores, no seu leito.  
Uma criança morta, um inocente.  
Um pequeno amor, ainda perfeito.

.....  
Ó Deus cruel, que matas as crianças;  
E as estrelas apagas na amplidão.  
E massacrás as nossas esperanças.

Não sei quem és, eu não entendo Deus!  
E penso com terror na escuridão  
Desse teu reino trágico dos céus...

Não é este poema uma glosa a mais do tema da *morte dos inocentes* e do seu escândalo teológico que inspirou a Péguy o “massacre dos santos inocentes”, que chegará até Saramago, mas a sua *cena primitiva*, o núcleo de fogo da sua imaginação confrontada com o mistério opaco da Dor humana que nunca deixará de estar presente na sua permanente revisitação do passado concebido com uma descida ambígua aos “infernos”, a meio caminho entre Orfeu e Cristo. Foi essa vivência a sua pessoal expulsão do Paraíso. Lugar sem lugar que um só nome invoca, a Infância. E será para ressuscitar esse eterno *cadáver* de criança (imagem de um dos seus mais célebres poemas) que Pascoaes obrigará a sua Musa a *regressar ao paraíso*. Nas suas páginas em prosa - tão magicamente desorbitadas como as da sua poesia mais incandescente - Pascoaes compreendeu e falou dessa *eterna infância humana* como pouca gente. Na verdade só falou disso, pois foi quando essa existência

celestial - realmente celestial - se lhe toldou que o mundo se cobriu de sombras. De sombras lembradas do céu por elas ocultadas. A sua poesia é um platonismo em imagens, passe a paradoxo, imagens recortadas numa versão da Queda sem *pecado original*, salvo essa da morte da Infância:

“A infância é uma recordação de Deus a materializar-se em jogos e brinquedos. Este boneco é Adão, esta boneca é Eva, este charco é o mar, este soldado de chumbo é talvez Aníbal.

A infância é uma recordação de Deus e tão viva que anima todas as coisas:

- Papá; papá – dizia a Maria Luísa à imagem de um menino Jesus oferecendo--lhe um biscoito.

E vi-lhe nas pequeninas faces delicadas não sei que luz extinguir-se, perante a indiferença do menino! Foi o primeiro encontro da sua alma com a matéria bruta, a primeira desilusão, que é a primeira tentativa da morte para nos dominar e reduzir a vida a uma simples existência”.

E como de costume, passando sem transição do anedótico ao absoluto, o mais idealista dos nossos poetas, escreve:

“A infância é um sentimento em que todas as coisas regressam à Luz originária”.

*Quid, a Sombra?* O seu verbo escuro não é, se assim se pode dizer, a morte de Deus, o verbo do Princípio, que está antes de tudo e é inevitável. É apenas o verbo humano separado da sua fonte, contemplando-a através de um véu, esperando por ela, recusando a Morte que o circunscreve mas não o atinge:

*Vi a sombra antes de ver a Luz*

Assim resume em palavras a poética da sombra que é, na versão sua, *Oração à Luz* num sentido diverso do ditirâmico, voluntarista e voluntarioso do seu amado Junqueiro. Não é a sua uma fenomenologia estática da luz, é uma fenomenologia bem viva, existencial, da *sombra*, do nosso ser entre Luz e Noite:

“Vi a Sombra antes de ver a Luz. Há uma tarde de Novembro que ficou em mim para sempre. É num fundo roxo e doirado que o meu perfil de criança me aparece, ao longe, tão triste, mais um sentimento vago que uma forma definida”.

Não é o seu um *reino de sombras* ou de Sombra como o Hades antigo, mas de vida lembrada, de luz originária que na infância ainda resplandece e que, consciente de si mesma como *Saudade*, é uma perpétua descida ao coração do tempo para nela resgatar a realidade inteira. Dos astros às flores que nela se dissolvem e só na lembrança que a ressuscita são, enfim, eternos.

A nossa realidade de sombras não é a de espectros que do além mundo da fria inexistência nos assombra e nos sussurram a música da nossa irrealidade. A Sombra em Pascoaes é uma figura, é a figura do Desejo, desejo cósmico, vital e pessoal, fome interminável de Deus, fome da existência sem fim, mas *encarnada*. Ou como ele próprio o diz, pela boca de *Marânus*, em reminiscência camoniana, o anverso da “carne voluptuosa e viva”.

Foi como Orfeu, em sentido literal, que Pascoaes se viveu. Foi convertido em Lua que atravessou a Morte como se esta não existisse. E assim caminha, Sombra em pura Luz de si mesmo extasiada.

No coração da nossa morte palpável, essa “amie” morte iluminada, sem lugar para isso ou sendo imortal, consola saber que o poeta Lusíada por antonomásia, imune á sociedade de sombra do seu amado Hugo, nunca assumirá a inocência transcendente que todos nós, sem o saber, almejamos para não morrer de nós mesmos condenados.

*Eduardo Lourenço*